

**PADRÕES LUCRECIANOS
NO LIVRO III DAS GEÓRGICAS DE VIRGÍLIO**

Matheus Trevizam (UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

Tito Lucrécio Caro constitui, para o Virgílio das *Geórgicas*, um dos principais referenciais compositivos: de início, basta dizer que, por tratar-se de um predecessor do maior autor romano no gênero antigo da poesia didática, nele se inspirou esse último para também lançar-se à ousada iniciativa de escrever um texto coincidentemente destinado à abordagem de um tema difícil do ponto de vista literário, ou seja, os “humildes” trabalhos do campo (assim como a “fria” atomística epicurista de Lucrécio). Além disso, o autor de *Da Natureza* é muitas vezes citado ao longo das *Geórgicas* inteiras, em mostra evidente das tentativas de Virgílio de dialogar crítica e criativamente com o fundamental predecessor. Se por citação, ainda, entendemos algo mais vasto do que a mera incorporação de palavras, expressões ou versos lucrecianos por Virgílio, teremos a oportunidade de observar no livro III das *Geórgicas*, especificamente, ecos do *Da Natureza* que se incluem, por exemplo, no quesito retórico da *dispositio* dos subtópicos atinentes à pecuária, pois, assim como em *De Rerum Natura*, o mesmo livro III faz seguir-se a ordenação temática em abordagem dos assuntos da procriação/*Amor* e da doença/*Pestis*. Será nosso intuito neste trabalho, então, pôr em relevo as semelhanças compositivas entre o Virgílio do livro pecuário de *Geórgicas* III e o Lucrécio de *Da Natureza*.

Palavras-chave: Lucrécio. Virgílio. *Geórgicas*. Literatura latina. Latim.

1. Introdução

O *De Rerum Natura*, única obra de Tito Lucrécio Caro, poeta romano de meados do século I a.C., está presente nos horizontes criativos do Virgílio das *Geórgicas* de mais de uma maneira. Assim, desde as investigações filológicas atinentes à *Quellenforschung* do século XIX, “mapeou-se” com grande acuidade o aspecto das citações de Lucrécio neste “poema da terra” virgiliano, tendo chegado alguns eruditos a estabelecer-lo como a principal referência do maior poeta de Roma Antiga ao compor sua segunda obra:

I will argue – to return to one of the questions with which I began – that Lucretius is the most important participant in this intertextual dialogue, in the sense that the DRN is the text most frequently evoked and subjected to the closest scrutiny throughout the poem; but this emphasis should not be taken as excluding the possibility of other readings. Virgil also engages with Hesiod, Aratus, Callimachus, Homer and others; and – while it seems to me perverse to ignore the pervasive presence of Lucretian (and anti-Lucretian) voices

within the poem – I am not suggesting that we should regard the DRN as Virgil's sole "model".⁷² (GALE, 2000, p. 17)

2. *Desenvolvimento*

Se desejássemos exemplificar com uma conhecida passagem das *Geórgicas*, todavia não integrante do livro III, esse primeiro modo de entrada de Lucrécio no manancial dos recursos compositivos de Virgílio, naturalmente seria possível citar o trecho das “duas vias da felicidade”, segundo experimentadas pelo homem rústico *ou* por um sábio filósofo:

*Felix qui potuit rerum cognoscere causas,
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acheruntis auari!
Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis,
Panaque Silvanumque senem Nymphasque sorores!*⁷³

(VIRGÍLIO, *Geórgicas* II, 490-494)

Ora, esses versos da obra virgiliana de que aqui nos ocupamos precedem imediatamente a famosa digressão das *Laudes ruris*, em que, como bem demonstrou Alessandro Barchiesi (1982, p. 56), o poeta se ocupa de entretecer o elogio da vida rústica sob a forma de um objeto *em negativo*, pois, sobretudo, bom é o campo quando *não* se parece com alguns aspectos citadinos que elenca (ambições de comando – v. 495; ocupações com assuntos de guerras externas – v. 496-497; a dureza das leis forenses – v. 510; a ganância às custas da violência – v. 505-506).

Às portas desse panorama de enaltecimento do modo de vida dos simples, meros camponeses itálicos desprovidos das glórias (e misérias!)

⁷² “Eu argumentarei – para voltar a uma das questões com que eu comecei – que Lucrécio é o mais significativo participante neste diálogo intertextual, no sentido de que o *DRN* é o texto mais frequentemente evocado e sujeito ao mais próximo escrutínio ao longo do poema; mas esta ênfase não deveria ser tomada como excludente da possibilidade de outras leituras. Virgílio também se envolve com Hesíodo, Arato, Calímaco, Homero e outros; e – embora me pareça perverso ignorar a presença constante de vozes lucrecianas (ou antilucrecianas) neste poema – não estou sugerindo que devêssemos olhar o *DRN* como o único *modelo* de Virgílio”.

⁷³ “Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas, e todos os medos e o destino inexorável calçou a seus pés, com o estrepito do Aqueronte avaro. Afortunado também aquele que os deuses agrestes conhece, Pã, o velho Silvano e as Ninfas irmãs!”

(Todas as traduções do latim neste artigo são de minha autoria)

mundanas, Virgílio se lembra, estrategicamente, de aludir às visões de mundo e à obra filosófica de Lucrecio. Como se sabe, o *De Rerum Natura*, poema de assunto epicurista, ou, mais precisamente, de cobertura a tópicos específicos da *física* concernente a tal Escola de pensamento antiga, construiu-se como texto de defesa de visões *de todo materialistas* sobre a realidade humana e natural (GALE, 2003, p. 12). Desse modo, “removidos” os deuses e suas influências de nossa vida, apenas restaria aos mortais sujeitar-se com serenidade à inflexível maquinaria do mundo, a qual se regulava a si própria com base em leis passíveis de serem conhecidas pelos seguidores de Epicuro; esses, por sua vez, ao dominarem os mistérios do regramento de todas as coisas, não temeriam por ignorância a deuses irados ou a outras forças misteriosas quaisquer, antes se contentando com contemplar “de olhos abertos” o espetáculo da natureza. Assim se justifica, na menção virgiliana vista a fundamentais ideias – e ao próprio título – do *De Rerum Natura* (Cf. de VASCONCELLOS, 2001, p. 51)⁷⁴ que os homens esclarecidos pela filosofia (epicurista) possam, por alguns, ser considerados felizes.

Mas, como jamais houve consenso sobre coisa alguma, os que não são filósofos ou seguidores do epicurismo tentam obter sua realização e bem-estar através do recurso a *outros* meios de divisar o mundo. Isso se dá, no caso dos camponeses evocados na ficção das *Geórgicas*, inclusive através do recurso aos deuses inseridos no ambiente rural, sejam eles oriundos da cultura itálica – como Silvano, guardador dos bosques na mitologia antiga –⁷⁵ ou grega, como Pã pastoril⁷⁶ e as Ninfas.⁷⁷ Conforme se tem, por vezes, ressaltado, semelhante sobreposição de “lucrecianismo” e “antilucrecianismo” no segundo dos livros geórgicos significa, mais do que uma incisiva “correção” ao pensamento material do autor “ecoado”, um signo da multiplicidade de pontos de vista acolhidos no poema didá-

⁷⁴ Entretanto, as várias expressões lucrecianas nos fazem crer que é Lucrecio, não Pitágoras, o filósofo aqui visado, como a maior parte dos estudiosos tende a pensar. Veja-se, em especial, *rerum causae et subiecta pedibus* (cf. *De Rerum Natura* I, v. 79: *pedibus subiecta*).

⁷⁵ Silvano era um velho deus itálico, talvez mal diferenciado dos Faunos na forma e na função (GRIMAL, 1963, p. 422).

⁷⁶ Pã, deus cultuado, sobretudo, na Arcádia, era tido como protetor de rebanhos e pastores na Grécia Antiga (GRIMAL, 1963, p. 342).

⁷⁷ As Ninfas eram imaginadas, pelos gregos antigos, como jovens mulheres que povoavam paragens naturais como os bosques, rios e campos. Personificavam, para Grimal, a fecundidade e graça desses lugares rústicos (GRIMAL, 1963, p. 320).

tico de Virgílio, como se, “polifonicamente” (GALE, 2000, p. 70-72), de fato não houvesse da parte dele o pleno endosso a apenas *uma* maneira de compreender a existência.⁷⁸

Para a abordagem que mais nos convém nesta exposição a respeito da “presença” lucreciana no livro III das *Geórgicas*, no entanto, é outro o modo de ecoá-la que frisamos de forma essencial. Referimo-nos ao fato notório de se encontrarem alguns elementos da *macro-estruturação* dos sucessivos livros do *De Rerum Natura* também na parte do poema didático virgiliano que escolhemos comentar.

De início, então, parece-nos de utilidade lembrar alguns dos grandes traços construtivos de que Tito Lucrecio Caro se serviu para compor a própria obra: esse precursor da escrita filosófica romana, na verdade, dividira o todo de seu poema didático, talvez de forma inédita (TOOHEY, 1996, p. 88), em sucessivos livros atinentes a tópicos particulares do assunto, em geral, recoberto pelo *De Rerum Natura*. No primeiro livro, assim, ele introduz a atomística epicurista, tematizando alguns dos alicerces dessa face da escola filosófica de sua predileção (a existência e a estabilidade física dos átomos, a constituição de todos os corpos a partir desses elementos, a alternância entre eles e o “vazio” no preenchimento espacial dos objetos...). No segundo livro, já se aprofunda, em Lucrecio, o aspecto das propriedades atômicas (o modo de movimentação dos átomos, a questão de seu eventual “desvio de rota” – *clinamen* –, os tipos dessas partículas existentes na natureza...). No livro III, o filósofo focaliza a natureza da alma, também esta, material e atômica-mente constituída (trata-se de uma substância perecível logo após a morte física dos seres vivos, de algo cuja integridade não se concebe, em longo termo, como dissociada da do corpo, de uma parcela dos seres à qual cabe produzir o pensamento...). No livro IV, o filósofo adentra a teoria dos “simulacros” – sutis emanções da superfície de todos os objetos, capazes de manter-lhes os contornos externos –, o que se reveste de grande importância para os demais tópicos de que se ocupa logo em seguida, na mesma subdivisão do *De Rerum Natura*. Nós o afirmamos porque várias das sensações experimentadas pelos seres humanos – como a visão dos olhos físicos ou as imagens mentais –, para Lucrecio, advêm do contato

⁷⁸ Cf. Gale (2000, p. 14-15): The double *makarismos* at the end of book 2 suggests an untidy, open text, which we might characterize as a kind of forum for dialogue between various intertexts. On this reading, there is no strongly marked authorial voice within the text pushing the reader in one particular direction.

dos órgãos com os mesmos “simulacros”; enfim, além da fisiologia humana, também a “psicologia” (o mecanismo dos sonhos, o despertar das impressões eróticas...) preenche esse livro IV, aproximadamente, de um pouco antes de sua metade para o fim.

No livro V, Lucrécio desenvolve a atomística em muito maior escala, já que se trata de explicar as próprias origens do planeta Terra – em cobertura a tópicos “geológicos”, portanto – e até de evocar a trajetória de nossa espécie no mundo, desde o tempo da vida nas selvas aos albos e ao pleno desenvolvimento da civilização. Enfim, o poeta acaba a própria obra com o livro VI, no qual, depois de desenvolver assuntos vinculados a fenômenos meteorológicos ou ctônicos – raios, tempestades, terremotos, vulcanismo... –, adentra o horrível tópico da peste que vitimou a cidade de Atenas durante a Guerra do Peloponeso.⁷⁹

Ainda, cada um dos livros lucrecianos assim desenvolvidos apresenta, ao início, um próêmio, nos quais o poeta insere as funções caracteristicamente associáveis a esses segmentos dos textos antigos (dedicar a obra a alguém,⁸⁰ introduzir os assuntos que se desenvolverá com o efetivo início das sucessivas partes de cada livro, elaborar retoricamente com fins de geral enobrecimento dos temas...).⁸¹ Por outro lado, segundo uma espécie de mecanismo que poderíamos considerar “mimético” dos próprios fenômenos descritos na obra, esse poeta filosófico estruturou seu texto em um caminho construtivo que reflete a mortalidade mesma de tudo.⁸²

Com isso, desejamos aludir à expressiva disposição de um tema vinculado aos começos da vida – Vênus – logo no primeiro dos próêmios da obra inteira, pois essa deusa protagoniza o belo hino identificado com os versos 1-43 do livro I. Algumas das imagens ali apresentadas, nesta parte do poema muitas vezes lida de maneira alegórica pelos filólogos (GALE, 1996, p. 208 *et seq.*), mantêm fortes elos com noções da fertili-

⁷⁹ Este relato, segundo elaborado por Lucrécio, já é, na verdade, “credor” literário do testemunho de Tucídides, historiador de *A Guerra do Peloponeso* (COMMAGER, 1957, p. 105 *et seq.*).

⁸⁰ O dedicatário do *De Rerum Natura* é Caio Mêmio, intelectual e político romano – pretor da Bitínia em 57 a.C. –, inclusive, citado por Caio Valério Catulo no poema 28.

⁸¹ Para o tratamento propriamente retórico dos *exordia* discursivos, porém, cf. Cícero, *De Inventione* I, 20-23 (*apud* GALE, 1996, p. 211).

⁸² Para uma observação mais detalhada a respeito deste mesmo aspecto construtivo, cf. GALE, 2003, p. 39-40.

dade e alegria instigadas pela influência da deusa do amor sobre o mundo: assim, em v. 3 e 4, fala-se do povoamento de terras e mares através dos instintos que ela soberanamente desperta sobre todos os seus habitantes; em v. 7-9, o poeta menciona a beleza das flores na época primaveril, como se estas saudassem a chegada divina, na estação reprodutiva da maioria das espécies, atapetando alegres o chão com seus matizes; além disso, “riem” (*riident*) os mares e “brilham” (*nitent*) os céus com o mesmo efeito de manifestação geral de regozijo diante da presença de tão poderoso Nume (v. 8-9).

Enfim, como exemplificação derradeira deste aspecto dos significados “revitalizantes” da deusa Vênus sobre a natureza, mas, de modo algum, de forma exaustiva quanto a *todos* os conteúdos afins do hino em pauta, em v. 17-19 se patenteia mais uma vez a total extensão do poder venéreo diante dos seres. Com efeito, este trecho deixa-nos entrever que, “pelos mares, montes, rios impetuosos,/ casas copadas das aves e campos verdejantes” (*denique per maria ac montis fluuiosque rapaces/ frondiferasque domos auium camposque uirentis*), ela, incutindo nos peitos um “doce desejo” (*blandum... amorem*), faz com que os seres, avidamente, “propaguem as gerações por espécies” (*generatim saecla propagent*).

Também não se há que esquecer o aspecto construtivo do poder de Vênus como algo oposto aos malefícios da guerra, segundo uma contraposição estabelecida por Lucrécio no próprio fim do hino à deusa. A partir de v. 31, até v. 40, assim, o poeta esboça a cena amorosa do encontro entre Vênus e Marte, placidamente reclinado em seu regaço e, por estar absorto na beleza dela, por instantes esquecido de obrar com a costumeira sanha destrutiva pelo mundo. Ora, sabemos que por associar-se, no Panteão romano, justo este deus ao patronato da guerra, qualquer desvio de suas atenções da promoção de batalhas e duras discórdias entre os homens representa uma pausa momentânea nos derrramamentos de sangue que, reconhece Lucrécio, poderiam inclusive interferir em seu próprio fluxo criativo, além de mobilizar o dedicatário da obra, Caio Mêmio, para o socorro à pátria, em vez de para o plácido estudo da filosofia (v. 41-43).

Além desta menção inicial a Vênus e a seus domínios, também importa recordar que o fim do livro IV de *DRN* torna a apresentar ao leitor temas semelhantes, porém sob distinto tratamento. Como ressaltado por Monica Gale, Vênus e o assunto do desejo amoroso ressurgem, aproximadamente, a partir de v. 1030 desse livro, com conotações diferentes daquelas do risonho e primaveril hino de abertura da obra inteira (GALE,

2003, p. 30-31). Neste novo contexto, fala-se do despertar do instinto sexual nos seres humanos com a chegada da adolescência (v. 1030-1036), do irresistível impulso de unir-se eroticamente com os objetos do desejo (v. 1045-1048), dos doces, mas também inquietantes, cuidados instigados nos amantes por força de “Vênus”, apresentada no contexto como mera personificação da sexualidade (v. 1058-1062), dos perigos da paixão, enquanto pensamento e gestos fixos sobre uma pessoa específica (v. 1063-1191), dos mecanismos da concepção e da hereditariedade (v. 1192-1277)...

Sem, em absoluto, pregar que o sábio deva abster-se por inteiro dos atrativos do sexo, Lucrécio, na passagem aqui em discussão, contudo entende que é impossível ser verdadeiramente feliz quando sob a amarga constrição dos laços passionais (v. 1134 *et seq.*), e que, sem se estar tão preso a alguém, ainda assim a moderada satisfação dos instintos e anseios afetivos é possível (v. 1073 *et seq.*).

Por sua vez, corresponde ao momento de “morte” da própria obra o assustador relato da peste de Atenas ao exato fecho do *De Rerum Natura*. Segundo relatado por Lucrécio, essa verdadeira catástrofe, que se inicia motivada por certa conjuntura “celeste”, no sentido climático, imprópria (VI, 1090 *et seq.*), acabou recrudescendo depois de originar-se no Egito, mas abater-se, com os ventos, sobre o território de “Pândion” (v. 1138-1143).⁸³ Assim, em escala gradativa dos sintomas de sua primeira manifestação até a morte dos indivíduos infectados, o mal apresentava características como ardores na cabeça e nos olhos (v. 1145-1146), hemorragias na boca (v. 1149-1150), um soluçar constante, sem cessar de dia nem de noite (v. 1160-1162), zumbidos auditivos (v. 1185), o endurecimento e o esfriamento da pele (v. 1194-1195)... Tal escala de excruciante agonia, ainda, prolongava-se até o oitavo ou nono dia, quando, quase sempre, as vítimas sucumbiam a uma doença de tratamento desconhecido pelos médicos (v. 1197-1198).

Também importa notar que a extensão da peste ateniense assume dimensões absolutamente descontroladas não só pela enorme quantidade de habitantes humanos da cidade que foram por ela um dia afetados, mas ainda por seu posterior contágio sobre alguns *animais*, como os corvos e os cães (v. 1215-1224). Esse aspecto da aparente extensão do mal sobre

⁸³ Pândion foi o nome de dois reis lendários da cidade de Atenas – avô e neto –, da dinastia de Ericônio (GRIMAL, 1963, p. 343-344).

todos, ou, enfim, sobre tudo, será posteriormente recuperado por Virgílio ao fim do livro III das *Geórgicas*, quando o poeta recriará o episódio lucreciano da peste sob a forma dos eventos nefastos que teriam ocorrido nas antigas paragens nóricas.⁸⁴

Dessa maneira, retomando o que dissemos acima sobre a disposição expressiva dos conteúdos no poema de Lucrecio, o autor inicia a construção do próprio texto aludindo ao aspecto fecundante de Vênus e ao nascimento e risonha concepção dos seres no começo do livro I. Em seguida, retoma assuntos afins – como a própria fruição dos prazeres do sexo e a geração dos seres – no livro IV do *De Rerum Natura*: dessa vez se trata, porém, não tanto de saudar uma deusa, ou força natural, sempre benfazeja, mas ainda de alertar para as dores, ou o lado destrutivo, de certas formas de entrega ao erotismo e à paixão. Enfim, depois de avançar em magnitude em sua escala descritiva das forças em atuação na natureza, como se se tratasse de abordar as sucessivas fazes de desenvolvimento dos seres da hora em que nascem e crescem até o efetivo óbito, o poeta chega justo ao ponto inverso daquele por que começara, ou seja, a um padrão de absoluta dissolução dos corpos, ou mesmo de uma comunidade inteira, pelo ímpeto da morte, segundo ilustrada com extremos de horror (GALE, 2003, p. 40) no quadro da peste ateniense...

Será nosso intento, deste ponto em seguida da exposição, efetivamente demonstrar em que medida Virgílio “ecoa” elementos dispersos ao longo do *De Rerum Natura* em uma só parte de suas *Geórgicas*, o livro III, bem o dissemos. Ora, de início sabemos que, na economia interna deste seu poema didático, o livro III corresponde àquele de abordagem da criação animal de pequeno – ovinos e caprinos – ou grande – equinos e bovinos – porte. Nesta subdivisão das *Geórgicas*, seguindo alguns dos pressupostos construtivos já encontrados em Lucrecio, Virgílio recorreu à estratégia de iniciá-la através de um longo proêmio – v. 1-48 –, no qual se desenvolvem aspectos de importância para os sentidos dessa parte do poema. Na verdade, o poeta o começa com a própria proposição do assunto do livro III, os cuidados dos rebanhos – tema vinculado, então, a

⁸⁴ Para J. Pigeaud, no entanto, Virgílio antes procedeu no excursus da peste nórica como quem recolhesse elementos atinentes à medicina humana, em sua vertente hipocrática, que fez acurado documento “veterinário” de um mal de fato ocorrido historicamente naquela região (ROBERT, 1998, p. 157-172).

deuses pastoris como Pales e Apolo “boieiro” v. 1-2 –;⁸⁵ em seguida, com fins de adornar esses humildes tópicos da vida rural, propõe a imagem da futura escrita de *outra obra* – a *Eneida*? – como feita de um belo templo às margens do Múncio, rio que cortava sua Mântua natal. Nesse templo, assim, não faltariam alusões pictóricas aos hipotéticos feitos bélicos dos romanos no estrangeiro (v. 26-31 – contra os hindus, os egípcios, os habitantes da antiga região da *Asia*, os partos...), à ascendência “troiana” dos latinos (v. 35-36 – Assáraco e seus descendentes, o pai Tros...)⁸⁶ e ao domínio de (Otaviano) César sobre o Império (v. 16 – *in medio mihi Caesar erit templumque tenebit* – “no meio me estará César e dominará o templo”).

Esse próêmio, fundamentalmente, acaba-se com uma passagem de menção a Caio Cílnio Mecenas – v. 41 –, “primeiro ministro” de Augusto e favorecedor de poetas como Horácio e Virgílio, da mesma forma que Lucrécio, já em *De Rerum Natura* I, 26, apresentara Caio Mêmio ao modo de dedicatário de seu poema didático.⁸⁷ Quanto ao diálogo com a herança lucreciana, porém, agora explicamos como os temas naturais do *Amor* e da morte, ou da peste, são evocados por Virgílio em *Geórgicas* III.

Já em v. 49 *et seq.*, assim, o poeta adentra o tópico da reprodução animal dizendo que se devem escolher os corpos das matrizes, nos bandos de cavalos ou bois, com o objetivo de garantir à descendência as características físicas desejáveis; também, em v. 65, aconselha os pecuaristas a logo soltarem os jovens animais para reproduzir-se – *mitte in Venerem pecuaria primus* –,⁸⁸ pois breves são os anos de vigor e juventude para todos, inclusive para o gado.

Embora, ainda, outras esparsas referências ao assunto reprodutivo dos animais domésticos preencham ou se sigam a tais inícios das *Geórgi-*

⁸⁵ Pales era uma deusa (ou deus?) pastoril dos itálicos, celebrada nas *Pariliae* de 21 de abril; Apolo, por sua vez, servira a Admeto, rei de Feras, como boieiro, talvez por estar apaixonado pelo soberano (GRIMAL, 1963, p. 42 e p. 338).

⁸⁶ Assáraco era avô de Anquises – pai do herói Eneias – e filho de Tros; este, por sua vez, era o bisavô do rei Príamo de Troia (VIRGIL, 2003, p. 185 – comentário de R. A. B. Mynors).

⁸⁷ DRN I, 26: *Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni/ omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.* – “Para nosso Memiada, que tu, ó deusa, desejava, em todo tempo, que se destacasse com honra em todas as coisas”.

⁸⁸ *Geórgicas* III, 65: “Solta logo os animais para se reproduzirem”.

cas, é a partir de v. 209, até v. 283, que ganha destaque no terceiro livro da obra o tema “amoroso”. Ora, entre v. 209-241, Virgínio desenvolve um painel descritivo complexo, no qual basicamente se focaliza a disputa de dois touros por uma bela novilha divisada nos campos. Alguns dos conteúdos presentes no trecho enfatizam a nociva fixidez dos animais envolvidos diante do fascínio pela fêmea que desejam (v. 215-216: *carpit enim uiris paulatim uritque uidendo/ femina* – “com efeito, aos poucos arrebatada e consome as forças divisando/ a fêmea”), os enfrentamentos entre os “pretendentes”, os quais vêm a desembocar em efetivas lutas físicas (v. 220-221: *illi alternantes multa ui proelia miscent/ uulneribus crebris*; – “eles, em alternância, muitas batalhas travam,/ com amíudadas feridas”); as dores psíquicas, além de físicas, do perdedor em uma primeira vez de luta (v. 226-227: *multa gemens ignominiam plagasque superbi/ uictoris, tum quos amisit inultus amores.* – “muito chorando a afronta e as feridas recebidas do soberbo/ vencedor, bem como os amores que perdeu sem vingar-se”), o desejo de vingança do vencido, também ele um desassossego do espírito, a resultar, enfim, na revanche final (v. 235-236: *post, ubi collectum robur uiresque refectae,/ signa mouet praecepsque oblitum fertur in hostem.* – “depois, quando recuperou o vigor e se refeziram as forças,/ parte em campanha e se lança, de um jato, contra o inimigo esquecido”).

De v. 242 até o final da grande passagem que mencionamos há pouco, o poeta relata como que a perda de controle de todas as criaturas diante dos aguilhões do desejo erótico, como se tudo elas fizessem para satisfazê-lo, até a preço da própria integridade física. Então, a leoa se esquece até dos filhotes na estação reprodutiva (v. 245-246), os ursos, na mesma época, tornam-se mais que nunca sanguinários (v. 246-248), os cavalos “estremecem” (v. 250: *tremor*) diante do odor das fêmeas, lançando-se contra todos os tipos de obstáculos físicos (rochedos, rios etc. v. 252-254) a fim de obtê-las, os porcos do País Sabino esfregam o dorso contra as árvores (v. 256), em intensa preparação para enfrentar os rivais por uma mesma parceira, um inominado “jovem” (v. 258)⁸⁹ tenta atravessar um tempestuoso mar a nado para encontrar-se com a amante humana, acabando por morrer no caminho... Enfim, desenvolvendo um ponto que se pode considerar o extremo do transbordamento dos instintos eróticos – e de violência! – dos animais, Virgílio menciona a partir de v. 266 a es-

⁸⁹ Na verdade, a personagem mitológica aqui aludida é Leandro, amante de Hero, sacerdotisa de Afrodite, às margens do Helesponto (GRIMAL, 1963, p. 255).

pantosa história do assassinio de Glauco, mítico filho de Sísifo, pelas próprias éguas, pois ele as privara do contato com os machos a fim de tê-las mais ardorosas em um páreo... Como se nota, apesar da manutenção do mesmo padrão lucreciano de fazer, em obediência à ordem natural do ciclo de vida dos seres, vir antes do assunto relativo à morte/peste, o tema “amoroso”, os modos de amar postos mais em relevo pelo Virgílio de *Geórgicas* III mantêm vínculos, sobretudo, com Vênus “malfazeja” do livro IV de *De Rerum Natura*, não tanto com o Nume primaveril e benéficamente fecundante do hino do início (GALE, 2003, p. 40).

A partir de III, 474, até o verso final do mesmo livro – v. 566 –, Virgílio de fato desenvolve o tema da peste que se abate, em princípio, sobre os rebanhos ou animais domésticos da antiga província transalpina do *Noricum*. Em v. 478-479, assim, ele menciona que um mal climático deu ensejo aos inícios da doença, à maneira do que afirmara Lucrecio em *De Rerum Natura* VI, 1090 *et seq.* Depois, passa a descrever os sacrifícios baldados dos nóricos para tentar barrar a peste (v. 486-493); trata dos sintomas que afetam cães e cavalos infectados (v. 494), os quais incluem o suor, ardores nos olhos, gemidos e hemorragias nasais; descreve a morte de um boi de arado em pleno trabalho de lavrar os campos com seu irmão, em uma cena de grande apelo emocional para o leitor (v. 515-530); comenta algumas inversões de comportamentos no mundo animal motivadas pela peste, com cervos perdendo o medo dos cães e da proximidade humana, bem como com a vinda de focas marinhas rios adentro, por exemplo (v. 537-548); fala da incapacidade médica de remediar o mal e da impotência dos homens para evitar-lhe o contágio (v. 548-560); enfim, em v. 561-566, comenta que as tentativas de aproveitamento das peles dos animais mortos por camponeses que as vestiram acabaram resultando no contágio deles próprios, e na *gangrena de corpos humanos*.

3. Conclusões

Sabidamente, como ressaltou David West,⁹⁰ Virgílio serviu-se de material do relato lucreciano da peste de Atenas para compor sua versão do relato de um mal que, ao contrário do que ocorria nos versos do predecessor, *começa* incidindo sobre animais e *acaba* sobre seres humanos.

⁹⁰ Cf. WEST, 1979, p. 81: Virgil has drawn upon Lucretius' symptomatology for an account which has no coherence and makes no clinical sense, but which does produce a vivid and affecting picture of a sick horse.

À guisa de conclusão, ainda, temos por bem retomar o fato de Virgílio ter-se servido, com a composição segundo descrita para o livro III das *Geórgicas*, de padrões lucrecianos gerais já constatados no *De Rerum Natura*. Isso se dá, dissemos, não só porque os dois autores inseriram proêmios ao início de cada uma das peculiares partes de seus livros, mas ainda por ter Virgílio, aqui, condensado os temas do *Amor* e da morte (ou peste) antes dispersos ao longo de *DRN* (GALE, 2000, p. 45-46), contudo mantendo sua ordem de surgimento na obra do predecessor, como vimos, e algo do efeito “imitativo” do ciclo vital dos indivíduos, a que também se aludiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCHIESI, A. Lettura del secondo libro delle “Georgiche”. In: GIGANTE, M. (Org.). *Lecturae Vergilianae: volume secondo – le “Georgiche”*. Napoli: Giannini, 1982, p. 43-86.

COMMAGER, H. S. Lucretius’ interpretation of the Plague. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, Mass., vol. 62, p. 105-118, 1957.

GALE, M. R. *Lucretius and the didactic epic*. London: Bristol Classical, 2003.

_____. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. *Virgil on the nature of things*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: P.U.F., 1963.

LVCRETI. *De rerum natura*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxford: Oxford University Press, 2009.

PIGEAUD, J. Quelques remarques sur l’épidémie du Norique dans les «Géorgiques» de Virgile. In: VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.

VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WEST, D. Two plagues – Virgil, “Georgics” 3.478-566 and Lucretius 6.1090-1286. In: WEST, D.; WOODMAN, T. (org.). *Creative imitation and Latin literature*. London/ New York: Cambridge University Press, 1979, p. 71-88.